

## DO PARADIGMA CIENTÍFICO AO PARADIGMA ÉTICO-ESTÉTICO E POLÍTICO: A ARTE COMO PERSPECTIVA NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS

Marisa Lopes da Rocha\*

O paradigma estético pressupõe que a criação em seu estado nascente é o que constitui a potência permanente e contingente de atualização, de devir. Naturalmente que não é a arte a única detentora do processo criativo, mas sem dúvida é quem vem buscando levar ao extremo a capacidade de invenção. Segundo Guattari, em seu livro *Caosmose*, o limite de constituição do paradigma estético está na aptidão desses processos de criação para se auto-afirmarem como fonte existencial. Para Guattari (1992; p. 136),

Em todos os campos encontraríamos o mesmo entrelaçamento de três tendências: uma heterogeneização ontológica dos universos de referência configurados através daquilo que dá a ideia de movimento do infinito; uma transversalidade maquínica abstrata que articula a infinidade de interfaces finitas manifestas por tais universos num mesmo hipertexto ou plano de consistência; uma multiplicação e uma particularização dos focos de consistência autopoieticos (Territórios existenciais).

O paradigma estético traz implicações ético-políticas pois o ato de criar, de instituir, é também um ato de responsabilidade frente ao constituído, frente às opções que vão se constituindo e que ultrapassam os esquemas preestabelecidos. Nesta perspectiva, a escolha ética não está mais vinculada a uma postura transcendente, contida num código legal ou respaldada no amparo divino. Aqui, o movimento de criação processual é a origem da enunciação.

Através do paradigma científico, a compreensão da realidade se efetua nas relações de causalidade. Para as ciências humanas e sociais isto não se dá sem a

---

\* Psicóloga, professora-assistente do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Filosofia da Educação no IEASE da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro (FGV) e doutoranda em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

perda das dimensões de criatividade, das encruzilhadas e dos coeficientes de liberdade que facultariam maior enriquecimento de auto-apropriação. O paradigma estético estabelece um campo de possibilidades de captação dos objetos incorporais na sua dimensão de alteridade propriamente dita e, na expressão de Suely Rolnik, do acolhimento do estranho-em-nós, condição de diferenciação e de devir. Jean-François Lyotard (1989; P. 41), em seu livro *O inumano*, estabelece que

A apreensão estética das formas só é possível se se renunciar a toda a pretensão de dominar o tempo com uma síntese conceitual. Porque o que está aqui em jogo não é a "reconhecimento" do dado, como diz Kant, mas a aptidão para deixar aparecer as coisas da forma como se apresentam. Numa tal atitude cada momento, cada agora, é como um abrir-se a.

A subjetividade capitalista se constrói na perspectiva da neutralização da alteridade e, concomitantemente, da processualidade, da condição maquínica da vida.

Rolnik explicita que o novo paradigma é estético porque trata da criação da existência, o que lhe garante, portanto, um caráter construtivista e heterogênico. É a criação permanente do mundo, mundo como obra de arte. É ético, pois evidencia um compromisso com a potência de efetuação da vida na diferenciação do ser. O confronto permanente com as forças do devir implica escolhas de modo de existência e, assim, do tipo de mundo em que se quer viver. É, portanto, político. As mudanças na sociedade que constituem melhora na qualidade de vida passam por uma quebra com a modernidade no interior de cada um e de todos – é necessária a criação de dispositivos que sirvam de intercessores para a formação de uma outra subjetividade.

É no livro *As três ecologias* que Guattari desenvolve suas posições em relação à busca de novas alternativas para o mundo atual que articulem o avanço tecnológico com a dimensão ético-política. Segundo este autor, o que está em questão é o modo de viver sobre o planeta. A Ecosofia compreende três registros ecológicos que precisam ser operados a fim de se conseguir uma revolução política, social e cultural que possa reorientar a produção de bens materiais e imateriais na modernidade. Tais registros seriam o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana. Deste modo, as mudanças envolvem uma perspectiva macropolítica, mas também devem atingir os níveis micromoleculares da sensibilidade, da compreensão e da paixão, compondo novas práxis humanas.

A questão fundamental seria a de re-produzir as possibilidades do ser-em-grupo. A existência humana, reconstruída em novos contextos históricos, caminharia no sentido de uma re-singularização individual e coletiva, modificando maneiras de estar nas instituições que temos ou criando outras. Novas formas

de cidadania poderão trazer uma convivência mais fácil em meio à diversidade, facultando os processos de heterogênesse e outras formas de produção de subjetividade.

E quanto à educação? É possível que esta contribua para que as relações sociais instituídas ganhem movimento no sentido da heterogênesse? Pode a escola constituir-se num espaço de novos agenciamentos provocadores de re-singularizações?

Creio que as questões acima colocadas podem ser compreendidas tomando-se por base vários eixos. Qualquer um que ganhe ênfase poderá oferecer reflexões e caminhos de composições metodológicas para a intervenção nas instituições sociais, servindo de dispositivos detonadores de transformações da realidade que temos.

Neste momento gostaria de destacar a relação professor-aluno, compreendendo-os como parceiros, como aliados na construção de uma obra de arte: o conhecimento. A elaboração do processo de ensino-aprendizagem é aqui considerada um projeto coletivo produtor de conhecimento. Este, por sua vez, constitui o desvendamento da vida através dos diferentes planos que compõem o pensamento, facultando a desterritorialização e a composição de novos territórios existenciais.

No livro *O que é a filosofia?*, estabelecendo uma comparação entre arte, filosofia e ciência, Deleuze e Guattari pontuam que a arte, enquanto plano de composição, ergue monumentos com suas sensações, tendo como característica própria o transitar do finito no sentido da restituição do infinito. Por sua vez, a ciência tem como perspectiva justamente renunciar ao infinito na busca de referência e para isto traça planos de coordenadas que definem estados, funções ou proposições referenciais em relação à coisa através de observadores parciais. No que tange à filosofia, plano de imanência seria responsável por fazer surgir acontecimentos através da construção conceitual. Para os autores, o ato de pensar não está vinculado exclusivamente às relações funcionais consubstanciadas na causalidade da ciência e no utilitarismo da pragmática moderna. “Pensar é pensar por conceitos, ou então por funções, ou ainda por sensações, e um desses pensamentos não é melhor do que o outro, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente – pensado” (Deleuze e Guattari, 1992; p. 254). Tais planos, que recortam o caos, estabelecem correspondências entre eles, compondo uma malha. Os elementos que vão sendo criados nos diferentes planos vão se ligando a outros na constituição do pensamento como heterogênesse. Deste modo, a perspectiva do pensamento ou da criação vincula-se a três planos irredutíveis, tanto quanto a seus elementos – forma do conceito, força da sensação e função do conhecimento.

Enquanto artistas, professores e alunos devem caminhar no rastro da criação que dê passagem do finito ao infinito, buscando sempre a diversidade no

mundo pedagógico. Com o conceito de objetividade-subjetividade, Guattari estabelece que é através das práticas que se criam ao mesmo tempo objetos e sujeito. Assim, nesta ontologia construtivista, o mundo se cria a cada momento, constituindo objetos e formas de subjetivação. Tal perspectiva acaba com a naturalização dos fatos instituídos, recolocando toda a produção no movimento e na história de todos e de cada um. Do mesmo modo, as noções de verdade transcendente, de normalidade e de ordem constituídas *a priori* se fragilizam, abrindo espaço para a diversidade imanente às relações.

Neste enquadre, pensar a instituição escolar é afirmá-la como uma organização que congrega projetos e relações com o compromisso de resgatar permanentemente a capacidade de criação. Para isso seria necessário o envolvimento de todos os seus segmentos em caminhar a partir do que temos constituído, mas como algo provisório, parcial, em direção ao desconhecido. Desde a alfabetização, partir do mundo da criança, dos seus anseios e possibilidades é, sem dúvida, convidá-la a uma participação efetiva. Para isso, é necessário que o paradigma ético-estético e político norteie as práticas pedagógicas a fim de que outras perspectivas, desejos e composições sejam atualizados em novos territórios. As sensações, como perceptos, não são percepções que remetam a um objeto, pontuam Deleuze e Guattari, sendo portanto indispensável um salto no ar para que o vivido coletivamente possa se expressar, constituindo novos acontecimentos.

O cotidiano da sala de aula é repleto de eventos que precisam de analistas – atores e produtores do conhecimento – para que tais eventos se tornem acontecimentos, ou seja, para que aquilo que é vivido como hábito, como rotina, como óbvio nas relações múltiplas que se estabelecem seja desnaturalizado, trazendo a inquietação, descortinando interesses, liberando forças, aumentando as potências de efetuação. O pensamento como heterogênesse é fruto deste movimento de encruzilhadas e bifurcações que ampliam e singularizam novos planos de consistência onde outras subjetividades são fomentadas.

Deleuze e Guattari diferenciam o devir sensível do devir conceitual, estabelecendo que o primeiro é a alteridade como expressão, é o ato através do qual algo não pára de devir outro; o segundo, seria heterogeneidade compreendida numa forma absoluta, ou seja, o ato pelo qual o acontecimento comum encontra uma linha de fuga. Para estes autores, a arte é a composição permanente. A composição é estética e advém do trabalho da sensação.

As práticas educacionais, tendo a arte como perspectiva, fundam o tempo e o espaço da criação no interior da escola. Este é o projeto possível que tem seu início a partir do conhecimento, das estruturas e das formas de relações que temos até aqui constituído, mas que, sem dúvida, deseja ir mais além.

### Referências bibliográficas

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1992). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34.
- GUATTARI, Félix (1990). *As três ecologias*. 2ª ed., Campinas, Papirus.
- (1992). *Caosmose – um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- LANCETTI, Antonio (dir.) (1990). *Saúde e loucura 2*. São Paulo, Hucitec.
- LYOTARD, Jean-François (1989). *O inumano – considerações sobre o tempo*. Lisboa, Estampa.
- PELBART, Peter Pál (1992). Ecologia do invisível. *Boletim de novidades do centro de psicanálise*. São Paulo, Pulsional.
- ROLNIK, Suely (1992a). Comentário sobre o vídeo da pulsão. Texto elaborado para o Seminário *As pulsões e seus conceitos*. São Paulo, PUC-SP. (Mimeo.)
- (1992b). Subjetividade e história. São Paulo, PUC-SP. (Mimeo.)
- (1992c). Cidadania e alteridade. São Paulo, PUC-SP. (Mimeo.)